



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÃO PEDAGÓGICA**

**DÉBORA OLIVEIRA DA COSTA  
MARIA ORLEIDA ANDRADE DA SILVA**

**A PONTE QUE NOS DIVIDE: pessoas com Síndrome de Down e o  
mercado de trabalho**

**JOÃO PESSOA- PB  
2016**

DÉBORA OLIVEIRA DA COSTA  
MARIA ORLEIDA ANDRADE DA SILVA

**A PONTE QUE NOS DIVIDE: pessoas com Síndrome de Down e o  
mercado de trabalho**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para conclusão do curso de Pedagogia.

**JOÃO PESSOA – PB  
2016**

C837p Costa, Débora Oliveira da.

A ponte que nos divide: pessoas com síndrome de Down e o mercado de trabalho / Débora Oliveira da Costa, Maria Orleida Andrade da Silva.– João Pessoa: UFPB, 2016.

29f.

Orientador: Magno Alexon Bezerra Seabra

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
UFPB/CE

1. Inclusão. 2. Mercado de trabalho. 3. Síndrome de Down.  
I. Silva, Maria Orleida Andrade da. II. Título.

UFPB/CE/BS


CDU: 331.5(043.2)

DÉBORA OLIVEIRA DA COSTA  
MARIA ORLEIDA ANDRADE DA SILVA

**A PONTE QUE NOS DIVIDE: pessoas com Síndrome de Down e o  
mercado de trabalho**

Aprovado em: 24/11/16

BANCA EXAMINADORA:

  
Prof. Dr. MAGNO ALEXON BEZERRA SEABRA  
Orientador – UFPB

Prof. Dr. MARIANO CASTRO NETO  
Examinador 1 – UFPB

  
Prof. Dr. FÁBIO DO NASCIMENTO FONSECA  
Examinador 2 – UFPB

**JOÃO PESSOA – PB  
2016**

Dedicamos, a Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em nós foi o sustento e nos deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

## AGRADECIMENTOS

De Débora,

**“viajar é melhor do que chegar”**. Engraçado, porque eu costumava pensar que só existe um caminho a seguir pra onde quer que você queira chegar na vida. Mas se você escolher aquele caminho específico, não significa que você necessariamente tem que abandonar os outros. Eu percebi que na verdade o que acontece ao longo do caminho é o que importa. Os tropeços, as quedas e as amizades. É a jornada que importa, não o ponto de chegada. Eu acho que você só precisa acreditar que o futuro vai dar certo como deve ser." Obrigada Senhor pelas pessoas maravilhosas que me ajudaram nessa jornada, principalmente minha família.

De Orleida,

Agradeço a Deus por ter me dado força e sabedoria para persistir nas dificuldades, aos meus pais Orlando e Rosileide juntamente com minha irmã Orlânia que sempre apoiaram nos meus estudos para ser alguém na vida. Ao meu esposo Rogério por estar ao meu lado noites acordado me ajudando e me incentivando para terminar. Ao professor Magno Alexon por ter aceitado orientar este trabalho e ter paciência de responder cada pergunta para poder concluir o trabalho de conclusão de curso.

Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.

Augusto Cury

## **RESUMO**

A inserção das pessoas com deficiências no mercado de trabalho é recente e alcança gradativo destaque na sociedade. Na perspectiva organizacional, a inclusão dessas pessoas apresenta algumas dificuldades, quando se trata de pessoas com deficiência intelectual, como é o caso da Síndrome de Down, cujos portadores não raramente são considerados incapazes para o trabalho e preteridos nos processos de contratação. Esta monografia teve como objetivo conhecer o processo de inclusão de pessoas com Síndrome de Down no mercado de trabalho, identificar as atividades laborais nas quais atuam e os aspectos que facilitam ou dificultam o processo de inclusão. Dentre as conclusões, destaca-se que é possível realizar um processo de inclusão de pessoas com Síndrome de Down, com resultados satisfatórios em termos de adaptação e desempenho.

Palavras-chaves: Inclusão, Mercado de trabalho, Síndrome de Down.

## **Abstract**

The insertion of people with disabilities in the labor market is recent and gradual reaches emphasis on society. In the organizational perspective, the inclusion of these people presents some difficulties when it comes to people with intellectual disabilities, such as Down Syndrome, whose patients are not rarely considered to be incapacitated for work and are deprived of hiring processes. This monograph aimed to know the process of inclusion of people with Down Syndrome in the labor market, to identify the labor activities in which they work and the aspects that facilitate or hamper the inclusion process. Among the conclusions, it is possible to carry out a process of inclusion of people with Down Syndrome, with satisfactory results in terms of adaptation and performance.

Keywords: Inclusion, Labor market, Down Syndrome.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. SINDROME DE DOWN</b> .....	11
2.1 Características .....	11
2.2 Legislação .....	12
2.3 Inclusão .....	14
2.4 Avaliação e metodologia. ....	15
<b>3. TRABALHO</b> .....	19
3.1 Trabalho na visão de Karl Marx.....	19
3.2 Legislação .....	20
<b>4. RELAÇÕES: PESSOA COM SINDROME DE DOWN E O MERCADO DE TRABALHO</b> .....	22
4.1 Análise sobre experiências de pessoas com Síndrome de Down no mercado de trabalho.....	22
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	26
Referencias .....	27

# 1 INTRODUÇÃO

A partir das aulas de educação especial no curso de pedagogia da universidade federal da Paraíba, aprendemos que desde a antiguidade a sociedade possui um preconceito com as pessoas que nasciam com alguma deficiência, eles acreditavam que os mesmos não podiam sair de casa e nem se aproximar de outros seres humanos pois estariam pondo em risco a segurança da sociedade, pois eram vistos como mongoloides, pessoas que não tinham direito de se comunicar e de viver sua vida. Em alguns casos os pais não aceitavam e criavam seus filhos como bichos, não acreditavam que eles poderiam ser ensinados como as demais crianças, crescendo assim como aberrações ajudando a sociedade a concretizar o pensamento que tinham a cerca dessas pessoas.

Com o passar do tempo temos conseguido ajudar as pessoas com síndrome de Down, mostrando a sociedade que eles são capazes de estudar, se formar numa universidade, trabalhar, se casar e construir uma família.

O ingresso no mercado de trabalho é um passo importante para que os jovens possam migrar da fase da infância para a fase adulta. A transição muitas das vezes se torna difícil devido à preocupação exagerada por parte dos familiares com receios em relação aceitação na sociedade.

Em algumas aulas vimos também que as pessoas que não estão empregadas tendem a ter depressão e baixo autoestima. Em virtude da falta de expectativas em relação ao futuro profissional no ambiente familiar e escolar, muitos jovens e adultos com síndrome de Down não foram apresentados ao mundo do trabalho. Assim, questões como o comportamento adequado, responsabilidade e hierarquia podem ser novidades. Porém, isso não significa que essas pessoas não sejam capazes de se adaptar à rotina da empresa, muito pelo contrário. Trata-se apenas de ter disposição para facilitar sua entrada neste novo universo e explicar, sempre que necessário, quais são os direitos e os deveres relacionados a empresa.

Isso acontece porque o ambiente de trabalho ajuda os indivíduos a ganhar responsabilidades e se relacionar em grupos. Além disso, favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas, mecânicas e de adaptação a diferentes situações, inclusive na vida pessoal. A síndrome de Down está relacionada a dificuldades de assimilação, o que significa que as pessoas com a trissomia

provavelmente vão demorar um pouco mais de tempo para realizar determinadas tarefas numa empresa. Isso não quer dizer que elas não serão feitas, ou que serão feitas de forma inadequada. Assim, é importante acompanhar sempre o processo de adaptação da pessoa ao trabalho para determinar, de preferência junto com o funcionário, indicando quais serão as suas responsabilidades e tarefas a cumprir.

Para empresas que empregam pessoas com síndrome de Down, a parceria com os pais é fundamental no processo de adaptação ao mundo do trabalho. Muitas vezes, os pais podem se sentir inseguros em relação à convivência de seu filho em um ambiente desconhecido, pois eles também precisam se adaptar à ideia de que a pessoa com síndrome de Down pode trabalhar. No entanto, com o passar do tempo, percebem que a experiência pode trazer benefícios inclusive no ambiente familiar.

Empregar pessoas com síndrome de Down e outras deficiências intelectuais traz benefícios não apenas para os indivíduos, mas para as organizações. Para que a experiência seja positiva para todos, é fundamental enxergar as oportunidades de acordo com as potencialidades de cada um. Algumas empresas mantem mais resistência a disponibilizar vagas para pessoas com síndrome de Down optando por preencherem as cotas com pessoas com outros tipos de deficiência alegando que não é bom para a imagem da empresa, pessoas com deficiência intelectual não se relacionam bem, cometem demasiadamente erros, não se interagem com as equipes de empregados, apresentam dificuldades na produção dos resultados da empresa.

Neste trabalho retratamos sobre as pessoas com a síndrome de Down em relação ao trabalho, com o objetivo de mostrar as dificuldades e facilidades que estas pessoas encontram ao querer buscar seu primeiro emprego. O trabalho foi subdividido em três capítulos: o primeiro capítulo abordamos as características de pessoas que nascem com a Síndrome de Down, seus direitos e deveres como cidadão, seu espaço na escola como aluno e aprendiz, o método e o modo como são avaliados com a inclusão relacionando o tratamento da turma com eles. No segundo capítulo mostramos significado do conceito sobre o trabalho desde o período da pré-história que se criou-se até os dias atuais, continuamos a presente monografia sobre a época em que Getúlio Vargas criou os direitos trabalhistas com muito esforço e perseguição mas que continuam em vigor até os dias de hoje.

## 2 SÍNDROME DE DOWN

### 2.1 CARACTERÍSTICAS

A Síndrome de Down foi descrita por um médico britânico John Langdon Down em 1862. Essa alteração genética atinge o desenvolvimento do indivíduo determinando algumas características físicas e cognitivas

A Síndrome de Down se dá pela presença de três cromossomos 21 em todas ou em grande parte das células do indivíduo também conhecida como trissomia do cromossomo 21 onde tem 47 cromossomos em suas células em vez de 46 como grande e/ou maior parte da população. Também conhecida como disfunção cromossômica, dentre outras formas como, por exemplo: o mosaico, quando a trissomia está presente somente em algumas células e por translocação, quando o cromossomo 21 está unido a outro cromossomo seu diagnóstico se realiza mediante o estudo cromossômico (cariótipo) através da presença detectada do cromossomo 21 a mais.

As pessoas com a Síndrome tem uma aparência muito característica e de fácil reconhecimento. Na grande maioria dos casos as características físicas logo quando nascem é o bastante para que o médico desconfie que a criança é portador da trissomia 21.

Embora não sejam todos os seres que nascem com essa doença e mostrem os mesmos perfis, mas eles possuem em geral características citadas abaixo:

O cabelo não é preto, mas de cor castanha, liso e escasso. A face é achatada e larga. Os lábios são grossos, com fissuras transversais a língua é maior do que o normal. O nariz pequeno. Os olhos amendoados, posicionados em linha oblíqua, com cantos internos afastados, devido às pregas nas pálpebras e em geral são menores em tamanho. As mãos apresentam uma única prega na palma, em vez de duas. Os membros são mais curtos, o tônus muscular é mais fraco e baixo, denominado de hipotonia. Isso significa que seus músculos são relaxados e dão a impressão de serem “frouxos” ou “moles”.

O tônus baixo geralmente afeta todos os músculos do corpo. A pele pode ser manchada, clara e sensível a irritações.

Problemas de saúde e de aprendizado podem ocorrer, mas estes variam de pessoa para pessoa. Além do atraso no desenvolvimento, outros problemas de saúde podem ocorrer no portador da síndrome de Down: cardiopatia congênita, hipotonia, problemas de audição, de visão, alterações na coluna cervical, distúrbios da tireoide, problemas neurológicos, obesidade e envelhecimento precoce. Cada portador da síndrome de Down é único, os sintomas e sinais podem ser de moderados a severos. A pessoa com síndrome de Down do sexo masculino possui o tamanho do órgão genital pequeno, o mesmo acontece com as do sexo feminino podendo ter a falta da menstruação, e é fácil acontecer infecções no sistema urinário e nas vias respiratórias.

A altura média adulta para os homens é de aproximadamente 1,57m e para as mulheres 1,37m. Os adolescentes e adultos com síndrome de Down têm propensão à obesidade.

## **2.2 LEGISLAÇÃO**

A Educação, como um direito de todos os cidadãos estabelecido pela Constituição Federal do Brasil (1988), foi reafirmada pela Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, Lei nº9394/96, que destina o Capítulo V à Educação Especial. O art.58 da LDBEN define que a educação dos alunos com necessidades especiais deve ser realizada, preferencialmente, na rede regular de ensino. Assim, a Educação Especial que era vista por muitos, como modalidade usual de atendimento às pessoas com necessidades especiais e, principalmente das pessoas com deficiências, deve atuar como complemento da Educação Básica ou Superior, um instrumento a estar disponível quando necessário.

O artigo 8º da Lei 7.853/89 especifica que recusar a inscrição de um aluno em qualquer escola, seja pública ou privada, por motivos relacionados a qualquer deficiência, é crime. Além de receber uma multa, os diretores ou responsáveis pela escola que se negar a matricular pessoas com deficiência podem ser punidos com reclusão de um a quatro anos. Seguindo os preceitos constitucionais de que toda criança tem direito inalienável à educação, a política na área da educação pública no Brasil com um crescimento significativo do número de matrículas nos últimos anos. A convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência foi aprovada no Brasil em

2008 como norma constitucional. Ela diz que cabe ao Estado e a sociedade buscar formas de garantir os direitos de todas as pessoas com deficiência em igualdades de condições com os demais. Os direitos das pessoas com deficiência intelectual sem privá-las de exercer os atos da vida civil sempre que possível ainda é um desafio no Brasil. No entanto, a legislação assegura que importantes atos ligados à cidadania, como votar, assinar um contrato de trabalho e ter uma conta bancária são direitos garantidos para aqueles que são interditados parcialmente. No caso da participação política, mesmo as pessoas interditadas totalmente podem exercer o direito ao voto, desde que a deficiência intelectual não impeça a livre manifestação de sua vontade. Caso haja necessidade, um juiz poderá resguardar o direito ao voto. Aqueles que precisarem de ajuda para votar poderão receber o auxílio de uma pessoa de confiança para utilizar a urna, desde que o (a) acompanhante não apresente vínculos com candidatos, partidos, coligações ou com a Justiça Eleitoral.

Também é possível fazer um cadastro previamente no ano em que ocorrem as eleições para votar em seções especiais de cada cidade, com adaptações para pessoas com deficiência e funcionários treinados especialmente para orientá-las. Em relação a pessoas com deficiência intelectual no Brasil está ligada ao alistamento militar. De acordo com o Exército Brasileiro, o alistamento é obrigatório, mas os jovens com deficiência estão isentos do serviço militar. Assim, eles devem receber o Certificado de Isenção (CI) após dar início ao processo.

Antes, acreditava-se que as pessoas com síndrome de Down já nasciam com uma deficiência intelectual severa. Nos dias atuais, sabe-se que o desenvolvimento da criança depende fundamentalmente da estimulação precoce, do enriquecimento do meio o qual ela está inserida e do incentivo das pessoas que estão à sua volta. Com apoio e investimento na sua formação, os alunos com síndrome de Down, assim como quaisquer outros estudantes, têm capacidade de aprender. Uma boa educação é um bem enorme que produz benefícios pessoais durante toda a vida. Além de transmitir conhecimentos, a escolarização é um passo fundamental no desenvolvimento psicoafetivo e no processo de socialização. Conviver com pessoas de diferentes origens e formações em uma escola regular e inclusiva pode ajudar ainda mais a desenvolverem todas as suas capacidades.

É importante destacar que cada estudante, independentemente de qualquer deficiência, tem um perfil único, com habilidades e dificuldades em determinadas áreas. No entanto, algumas características associadas à síndrome de Down

requerem a atenção de pais e professores, como o aprendizado em um ritmo mais lento, a dificuldade de concentração e de reter memórias de curto prazo.

## **2.3 INCLUSÃO**

Inclusão da Pessoa com Deficiência na Escola Regular é algo que pode acontecer, basta enxergá-los como seres humanos e cidadãos com direito a educação. Desta forma, com intuito de propor uma educação de qualidade para todos, é extremamente necessária uma reconstrução ideológica que visem melhorias no processo educativo que reveja conceitos e paradigmas com o propósito de reorganização no sistema educacional. Propor condições de desenvolvimento na educação especial integrada pode ser o caminho para reavaliar as diferentes formas de exclusão social e educacional que continuam solidas no processo de transformação da inclusão.

As ações intersensoriais baseadas na inclusão tornam-se uma realidade desafiadora para o sistema de ensino brasileiro. A proposta da educação inclusiva é acolher e dar condições para a pessoa com deficiência exercer seus direitos no que tange ao cumprimento da inclusão escolar, isso se refere também a todos os indivíduos, sem distinção de cor, raça, etnia ou religião. Inclusão é interagir com o outro, sem separação de categorias de aprendizagem, sendo assim, um regime escolar único capaz de atender a toda sociedade. Para conseguir reformar a instituição escolar primeiramente devem rever os preconceitos. Mas, a sociedade vive uma crise de paradigmas que geram medos, inseguranças, incertezas e insatisfações.

O compromisso de enfrentar com segurança e otimismo as divergências impostas pela sociedade na aceitação da inclusão, nos mantém em constantes discussões, pois tratar de unificar a educação torna-se um paradigma constante na sociedade, e acaba de certa forma atendendo somente a um lado. Por isso manter-se firme na proposta de melhorias para enxergarmos com clareza e obviedade ética que a inclusão está trabalhando em prol de um objetivo, nos norteara para a quebra desse paradigma. No entanto, nem sempre esta inclusão se dá de maneira satisfatória: geralmente faltam recursos humanos e pedagógicos para atender às

necessidades educacionais especiais dos alunos. Mas nota-se que esta prática é generalizada e não ocorre por discriminação. A escola pública brasileira tem que melhorar muito, e acreditamos que a prática inclusiva pode contribuir para alcançarmos uma escola de qualidade para todos. Algumas escolas particulares estão enfrentando dificuldades para modificar seu funcionamento e atender da melhor forma possível as necessidades de seus estudantes, com ou sem deficiência. No caso de pais de alunos com deficiência intelectual, os obstáculos aumentam – frequentemente, eles têm que pagar para que profissionais acompanhem seus filhos durante as aulas. Isso não está correto, assim como a postura de determinadas escolas que se recusam a matricular crianças e jovens com síndrome de Down alegando a falta de preparo para recebê-los.

Se a escola primária inclusiva no Brasil está apenas engatinhando, o ensino médio e o superior constituem um grande desafio. Ao mesmo tempo em que os alunos com síndrome de Down vão finalmente encontrando espaços para progredir e avançar na sua educação, as escolas e universidades precisam se adequar a esta nova situação. É possível notar que cada vez mais jovens com síndrome de Down concluem o Ensino Médio, com ou sem adaptações curriculares. Atualmente, existem pelo menos 20 brasileiros com síndrome de Down cursando o Ensino Superior em cursos não adaptados.

Dizer que uma pessoa é especial ou tem necessidades especiais virou um falso eufemismo para “compensar” a deficiência. Mas adequado seria dizer necessidades especiais.

## **2.4 AVALIAÇÃO E METODOLOGIA**

Para verificar em que etapa as crianças estão no seu aprendizado, como progrediram e para ajudar a planejar os passos futuros, é vital que o progresso e a performance sejam avaliados. No que se refere à avaliação, deve-se ter em conta que não se trata de avaliar a criança, mas sim as situações de aprendizagem que foram oferecidas. Isso significa dizer que a expectativa em relação à aprendizagem da criança deve estar sempre vinculada às oportunidades e experiências que foram oferecidas a ela. Devido a dificuldades de fala, linguagem e memória, alunos com síndrome de Down têm grande dificuldade para aprender por meio de professores

que usam apenas a palavra falada. No entanto, eles aprendem bem por meio de professores que usam abordagens visuais ou multissensoriais. Estratégias específicas de avaliação individualizada podem ser necessárias para alguns alunos com síndrome de Down. Elas devem ser desenvolvidas, mas sugerimos que sejam utilizadas o mínimo possível. A criança com síndrome de Down deve estar o máximo de tempo possível em situações de aprendizagem junto com seus colegas de turma.

Cada criança é única e, para além da deficiência, guarda características próprias. Decorre daí que o perfil e o estilo de aprendizagem típico da criança com síndrome de Down, associados às suas necessidades individuais e variações dentro do perfil, precisam ser considerados. As características a seguir são típicas de muitas pessoas com síndrome de Down. Algumas têm implicações físicas, outras cognitivas. Muitas podem ter as duas.

### **1) Fatores que facilitam a aprendizagem**

Forte consciência visual e habilidades de aprendizagem visual, incluindo as capacidades de:

- a) Aprender e usar sinais, gestos e apoio visual;
- b) Copiar o comportamento e as atitudes de colegas e adultos;
- c) Aprender com atividades práticas.

### **2) Fatores que inibem a aprendizagem**

Cada um dos fatores inibidores requer o uso de estratégias que os minimizem ou neutralizem, garantindo as condições para a aprendizagem do aluno. Muitas dessas estratégias têm sido descritas em diferentes contextos como facilitadoras da aprendizagem também de crianças sem deficiência. São algumas delas:

Deficiência Visual, Comportamento, Deficiência Auditiva, Período de concentração menor, Dificuldades de fala e linguagem, Atraso nas habilidades motoras grossas e finas.

Nos primeiros estágios de leitura, a maioria das crianças de desenvolvimento dito normal aprende a ler por meio da leitura de palavras inteiras ou vendo seu

correspondente visual. Depois, progridem para uma abordagem fônica ou alfabética – quando começam a usar correspondências entre letra e som para decodificar ou dividir palavras em sons separados para lê-las e soletrá-las. Sendo bons aprendizes visuais, crianças com síndrome de Down progridem consideravelmente no primeiro estágio de leitura, mas frequentemente permanecem nesse estágio por mais tempo do que seus colegas e têm mais dificuldades de passar para o estágio alfabético.

À parte os problemas com audição, habilidades de memória e resolução de problemas, pesquisas mostram que crianças com Síndrome de Down têm maiores problemas para adquirir consciência fonológica. No entanto, é muito importante que essa habilidade seja encorajada.

### **3) Como alfabetizar?**

Cada escola possui um método de alfabetização. Muitas vezes, o método utilizado na escola não funcionará para o aprendizado das letras de muitas crianças, inclusive aquelas com síndrome de Down. É preciso avaliar junto com a equipe técnica da escola quais são as outras estratégias que podem ser utilizadas a fim de proporcionar o aprendizado das letras por alunos com síndrome de Down. Pesquisas mostram que os métodos fonéticos e silábicos são os mais fáceis de serem internalizados por crianças com síndrome de Down.

### **4) Habilidades de escrita**

A produção de qualquer forma de trabalho escrito é uma tarefa altamente complexa. Dificuldades na memória de curto prazo, fala e linguagem, habilidades motoras finas e na organização e sequenciamento de informação causam grande efeito na aquisição e desenvolvimento da habilidade de escrever para vários alunos com síndrome de Down.

Áreas de dificuldade particular:

- a) Os aspectos físicos da formação de letras.
- b) Sequenciar palavras numa formação frasal correta.
- c) Sequenciar eventos e informação na ordem correta.
- d) Lembrar e organizar pensamentos e informação relevante no papel.

## 5) Estratégias:

a) Utilize recursos adicionais para auxiliar a escrita– diferentes tipos de lápis, linhas mais grossas, balões e caixas no papel para encorajar um tamanho consistente das letras, papéis com linhas, papéis quadriculados, quadros e painéis para escrita.

b) Ofereça apoio visual.

c) Ofereça métodos alternativos de memorização:

- Copiar

- Sublinhar ou circular a resposta correta

- Apagar ou deixar em branco partes de um texto lido anteriormente e depois pedir que a criança complete os espaços em branco

- Copiar e colar – usando imagens

- Copiar e colar – sequências de cartões para formar frases, com ou sem imagens.

6. Usar o computador

## 3 TRABALHO

### 3.1 TRABALHO NA VISÃO DE KARL MARX

Muitos autores fizeram uma linha de pensamento sobre o *trabalho*. O primeiro pensador filósofo Karl Marx pensava sobre o trabalho:

“Como uma relação entre o homem e a natureza, sendo que o homem apresenta o papel de potência natural. O homem emprega as forças do que é dotado para amoldar a matéria dando-lhe forma útil a vida. Modificando a natureza exterior altera sua própria natureza”. (CASTRO, 2002, p.63).

O homem a partir do trabalho passa por uma mudança no seu modo de pensar, passando por várias situações em que precisa ser ágil, ter uma atenção maior nas atividades que ele for realizar e com a responsabilidade que lhe foi dada e confiada, o homem cresce e fica mais confiante nas suas atitudes.

Para o próximo autor conforme Araújo; Bridi; Motin (2011, p.47) “é pelo trabalho que o homem constrói o mundo e, nesse processo, constrói a si mesmo. Trabalho é dispêndio de energia humana para realizar atividade coordenada mediante o uso do esforço físico, mecânico ou intelectual – habilidade, força e criatividade – visando atingir um fim, cumprir uma tarefa, fazer um serviço. [...]”.

A nossa identidade como ser humano passa a existir quando conseguimos nosso primeiro emprego, a partir do trabalho, portanto, é uma referência fundamental para o indivíduo, influenciando decisivamente não apenas na construção de sua identidade individual, como também em sua forma de inserção no meio social. Quando há uma ruptura nesse processo, provocada por acidente de trabalho de consequências irreversíveis, moléstia ocupacional, desemprego ou qualquer outro infortúnio que implique afastamento do trabalhador de seu trabalho, há, em consequência, uma fragilização de sua identidade, tanto em nível individual quanto em nível social.

### 3.2 LEGISLAÇÃO

As leis do trabalho foram criadas na gestão política do Presidente Getúlio Vargas que fazia parte do partido a favor dos trabalhadores que durante o seu período de presidência criou leis que ajudavam os mais desfavorecidos no período de trabalho dando direito ao salário mínimo e carteira assinada, jornada de trabalho diária de 8 horas, descanso semanal, direito a previdência social, regulamentação do trabalho do menor e da mulher.

Logo depois foi criado o décimo terceiro, salário família, benefício pago aos trabalhadores que recebem um salário mensal, a obrigatoriedade do fundo de garantia por tempo de serviço (FGTS) e o programa de integração social (PIS). A Constituição de 1988 criou uma lei que garante 4 meses de licença maternidade, cinco dias de licença paternidade, jornada semanal de 44 hora extra de no mínimo 50% e as férias remuneradas.

As leis se abrangeram e asseguram que os deficientes possuem os direitos de lei número 8213/91, lei de cotas para deficientes nas empresas, lei de contratação de deficientes, empresas que contratam deficientes, currículos de deficientes, Lei de cotas para PNE nas empresas.

Os mesmos tem o direito de segundo Lei nº 8.213, de 24 de Julho de 1991, lei de contratação de Deficientes nas Empresas. Lei 8213/91, lei cotas para Deficientes e Pessoas com Deficiência dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência e dá outras providências a contratação de portadores de necessidades especiais.

Segundo o artigo 93, diz o seguinte: a empresa com 100 ou mais funcionários está obrigada a preencher de dois a cinco por cento dos seus cargos com beneficiários reabilitados, ou pessoas portadoras de deficiência, na seguinte proporção;

- até 200 funcionários..... 2%
- de 201 a 500 funcionários..... 3%
- de 501 a 1000 funcionários..... 4%
- de 1001 em diante funcionários... 5%

Segundo o artigo citado abaixo diz que qualquer pessoa com a síndrome de Down deve possuir espaços iguais a outros empregados da empresa independente

de seu grau de deficiência. E com o valor exato de pagamento que é proposto a outros funcionários, tem que ser pago o mesmo para eles.

Art. 34. A pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

§ 1º As pessoas jurídicas de direito público, privado ou de qualquer natureza são obrigadas a garantir ambientes de trabalho acessíveis e inclusivos.

§ 2º A pessoa com deficiência tem direito, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a condições justas e favoráveis de trabalho, incluindo igual remuneração por trabalho de igual valor.

A Lei do Estágio nº 8.859, de 23 de março de 1994, modifica a Lei nº 6.494/77 e estende aos alunos de educação especial com deficiência os benefícios do estágio, permitindo sua contratação pelas empresas como estagiários. Essa lei possibilita ao estudante o estágio profissionalizante relacionado à sua área de formação e a contratação é efetuada por meio de empresas públicas e privadas e instituições de ensino.

O mundo empresarial enxerga, uma nova estratégia para aumentar seu lucro e potencializar seu desenvolvimento. Essa tendência decorre da maior conscientização do consumidor que procura produtos e práticas que gerem melhoria para a sociedade, valorizando aspectos éticos ligados à cidadania.

## **4 RELAÇÕES: PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN E O TRABALHO**

A participação de pessoas com a síndrome de Down no trabalho é possui benefícios para todos. Ao conseguir emprego essas pessoas conseguem mais qualidade de vida, obtendo mais relacionamento com a sociedade, aprendendo e uma maior autonomia. A empresa também ganha uma saúde organizativa que é a habilidade em ser organizado para continuar um desempenho excelente ao longo do tempo.

A seguir estão listados alguns temas que com a presença de pessoas com síndrome de Down na empresa se tornam positivas:

- a) Liderança; A presença de colaboradores com síndrome de Down provocou, principalmente, nos gestores diretos, o desenvolvimento da virtude da paciência e tolerância
- b) Orientação externa (através do impacto positivo na satisfação do cliente);
- c) Motivação; O colaborador percebe que, apesar das dificuldades individuais, os funcionários com a síndrome demonstram um comprometimento e seriedade que superam as expectativas de muitos. Eles inspiram os colegas de trabalho a desafiar os próprios limites por meio do exemplo ;
- d) Coordenação e controle. Por meio de situações inusitadas provocadas por esses novos colaboradores, como fazer perguntas ao gerente no meio de um atendimento, os líderes adquiriram uma resiliência que não possuíam.

### **4.1 ANÁLISE SOBRE EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN NO MERCADO DE TRABALHO**

De acordo com uma reportagem no site o globo, lemos que Débora Seabra de 33 anos portadora de síndrome de Down exerce o cargo de professora auxiliar a

cerca de 10 anos, e foi a primeira pessoa com Down a lecionar no Brasil. Além de atuar em sala de aula, Débora também promove palestras sobre educação inclusiva e se dedica à literatura infantil, chegando inclusive a publicar um livro "Débora conta histórias"(Editora Objetiva), onde os personagens sofrem preconceitos, os mesmos são animais mas, as histórias poderiam acontecer com qualquer pessoa, afirma ela. Nas palestras, fala sobre inclusão e diz: "A pessoa com Síndrome de Down tem que estudar no ensino regular, sou contra escolas especiais. Eu só cheguei até aqui porque estudei na rede regular".

Ao terminar o ensino médio, Débora ingressou no curso de magistério da Escola Estadual Professor Luiz Antônio, onde foi vítima de preconceito e sofreu. Nos trabalhos em sala, costumava ficar sem grupo, chegou a ser agredida, e teve que lutar pela inclusão. E não desistiu do seu objetivo e acabou conquistando a admiração de alunos e professores.

Na matéria para o site boa vontade conhecemos a história de Fernanda Jimenez Rodrigues que, aos 37 anos superou as próprias dificuldades e alcançou o sucesso profissional, trabalha como secretária e mestre de cerimônia na Câmara Municipal de São Paulo. Ela conta que não se sente "inferior a ninguém. Tenho muito orgulho de ser uma pessoa com Síndrome de Down, porque sou vitoriosa. Sou a única profissional da Câmara com o distúrbio". Em sua rotina, Fernanda realiza várias tarefas, como promover eventos e organizar livros e documentos. "As pessoas me enxergam como uma profissional eficiente!"

Fernando Moreira Barbosa 25 anos, atua como auxiliar administrativo em um hospital de Porto Alegre, RS, e explica que as pessoas que também têm Síndrome de Down devem "levantar a cabeça, estudar, trabalhar e ser felizes". Segundo vice-presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, ele registra a seguinte mensagem: "Todos devemos respeitar as pessoas com Síndrome de Down ou com outros tipos de deficiência. Hoje, estamos lutando pela inclusão de todos com deficiência. Precisamos de respeito, porque também somos gente. O preconceito impede o surgimento de uma sociedade melhor".

Numa rede social, encontramos em San Isidro, na Argentina a incrível história de 6 amigos com síndrome de Down que, lutavam para conseguir uma vaga no mercado de trabalho. Depois de várias tentativas, resolveram abrir seu próprio negócio. Uma pizzaria de nome "Los Perejiles" que também prepara canapés e outros petiscos, essa empresa fez um grande sucesso e cada vez atrai mais

clientes. Eles sabiam que tinham potencial para isso, pediram ajuda ao seu professor Telam Lopez que os ajudou voluntariamente, o mesmo afirma que: “Lós Perejiles começou a nascer quando explicamos as mães destes meninos as dificuldades que eles iriam ter no mercado de trabalho, porque os meninos iam para um colégio especial supostamente os formariam para o mercado de trabalho, mas que no final acabam sempre por ali, sem conseguir emprego embora com formação.”

O carro chefe da empresa é a organização, sem sombra de duvida. Para qualquer evento que são contratados os “Los Perejiles” chegam lá com suas ferramentas de trabalho e os ingredientes necessários. Eles distribuem as tarefas entre si, e até agora afirmam que ninguém fez perguntas estranhas, nem sentiram olhares desagradáveis, pelo contrario sempre têm sido tratados com muito respeito.

Em buscas pelo site deficiente ciente conhecemos a paixão do Jovem Claudio Aleoni Arruda por cavalos, que foi capaz de enfrentar grandes desafios e demonstrar que superar limitações é apenas uma questão de força de vontade. Claudio resolveu ir atrás do sonho de trabalhar com cavalos, se tornando assistente de instrutor no Pônei Clube do Brasil. Ele se orgulha quando diz: “O Pônei Clube não me contratou por lei de cotas e sim, pelas minhas qualidades, meus méritos e por tudo que eu sei fazer com os cavalos, inclusive saltar”.

Compreender que a pessoa com síndrome de Down é um ser humano com particularidades e potencialidades é um passo importante na hora que uma empresa pensar nas oportunidades que serão oferecidas. Assim, embora seja importante entender quais são as limitações, e saber de que maneira o mesmo poderá contribuir no ambiente de trabalho, pois nas quatro experiências acima citadas, identifica-se que o grau de deficiência mental que eles nasceram não é tão severo, por isso conseguiram ingressar no mercado de trabalho e até abrir sua micro empresa, com bastante força de vontade e perseverança eles derrubaram barreiras existentes principalmente na sociedade. Esta análise afirmou que o processo de inclusão de minorias no mercado de trabalho é algo que ainda precisa ser desenvolvido pelas organizações, as empresas precisam assumir o papel social, não somente, pensando nos benefícios comerciais e de imagem institucional, mas pensando no papel delas como transformadoras de pessoas e da sociedade, criando projetos de captação, inclusão, integração e de desenvolvimento das pessoas

portadoras de deficiências que possibilitem o relacionamento e crescimento destes indivíduos nas organizações.

## 5 CONCLUSÃO

No trabalho realizado sobre a pessoa com a Síndrome de Down no mercado de trabalho, podemos concluir que a doença que pode atingir boa parte da humanidade e afetar as partes do sistema do corpo como: nervoso, visão, audição, entre outros, mas a gravidade varia de uma pessoa para outra.

Portadores de síndrome de Down podem ter uma habilidade cognitiva abaixo da média, geralmente variando de retardo mental leve a moderado. Um pequeno número de afetados possui retardo mental profundo. É a ocorrência genética mais comum, estimada em 1 a cada 800 ou 1000 nascimentos. Algumas características no entanto são bem comuns como o crânio curto, orelhas pequenas mesmo em proporções diferentes.

Uma pessoa com Síndrome de Down precisa de uma tarefa de estimulação desde o seu nascimento. Ela faz parte da diversidade humana, tem muito a contribuir do seu jeito, e precisa se sentir incluída na sociedade.

No que se refere à inteligência, o acompanhamento e incentivo da família e amigos fazem, também, grandes progressos. Hoje, muitos indivíduos portadores da Síndrome de Down são alfabetizados e estão inseridos no mercado de trabalho.

Como alguns dados que encontramos e mostram que a força do querer ter um emprego é tão forte que lhe atribuí como guerreiro e exemplo para muitos dos empregados em uma devida ocupação. No Brasil, muitas empresas admitem pessoas com a Down, pois eles não são incapazes de realizar tarefas, que tem até certa vez que eles fazem melhores que nós, pessoas que não tem dificuldade física e mental.

Atitudes deveriam ser tomadas para não apenas em relação às pessoas com síndrome de Down, mas também em relação a todas as pessoas com necessidades especiais, para uma vivência melhor.

## REFERÊNCIAS

APAE, Maceió. Disponível em: <<http://maceio.apaebrasil.org.br/noticia.phtml/42572>> Acesso em: 26 de agosto de 2016

Boa Vontade. Disponível em: <[www.boavontade.com.br](http://www.boavontade.com.br)> Acesso em : 28 de Outubro de 2016.

Direito do trabalho / Francisco Ferreira Jorge Neto, Jouberto de Quadros Pessoa Cavalcante. -- Imprensa: São Paulo, Atlas, 2013. Descrição Física: xl, 1396 Referência:2013.

Deficiente Ciente. Disponível em: <[www.deficienteciente.com.br](http://www.deficienteciente.com.br)> Acesso em 19 de outubro de 2016.

Émile Durkheim, “Da divisão do trabalho social”.

ENRIQUEZ, Eugène. Perda do trabalho, perda da identidade. In. NABUCO, Maria Regina; CARVALHO NETO, Antônio Moreira de (Orgs.). Relações de trabalho contemporâneas. Belo Horizonte: Instituto de Relações do Trabalho - IRT/PUC-Minas, 1999. p. 70.

Facebook. Disponível em: <[www.facebook.com](http://www.facebook.com) > Acesso em 31 de Outubro de 2016.

Fundação Síndrome de Down. Disponível em: <[www.ftdown.org.br](http://www.ftdown.org.br)> Acesso em: 15 de setembro de 2016

Jorge Neto, Francisco Ferreira; Cavalcante, Jouberto de Quadros Pessoa. “Direito do trabalho”. São Paulo: Atlas, 2013.

Melgar, Alfredo Montoya. “Derecho del Trabajo”, Madrid, Tecnos., 2002.

Marx, Karl. “O Capital”.

Movimento Down. Disponível em: < [www.movimentodown.org.br](http://www.movimentodown.org.br)> Acesso em 09 de agosto de 2016

O Globo. Disponível em: <[www.oglobo.com.br](http://www.oglobo.com.br)> Acesso em 17 de outubro de 2016.

Weber, Max. “A ética protestante e o espírito do capitalismo”.